



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa

CONTA PRA MIM, MARRAMAQUE: TRAÇOS DE UMA PERSONALIDADE
GRIÔ NA OBRA *CLARA DOS ANJOS*, DE LIMA BARRETO

Natália Regina Ferreira da Silva

Trabalho apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia.

Orientador(a): Prof. Dr. Natanael Duarte de Azevedo

Recife

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L732c

Silva, Natália Regina Ferreira da

Conta pra mim, Marramaque: traços de uma personalidade griô na obra Clara dos Anjos, de Lima Barreto / Natália Regina Ferreira da Silva. - 2021.
21 f.

Orientador: Natanael Duarte de Azevedo.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Letras, Recife, 2021.

1. Marramaque. 2. Griô. 3. Lima Barreto. 4. Clara dos Anjos. I. Azevedo, Natanael Duarte de, orient. II. Título

CDD 410

**CONTA PRA MIM, MARRAMAQUE: TRAÇOS DE UMA
PERSONALIDADE GRIÔ NA OBRA *CLARA DOS ANJOS*, DE
LIMA BARRETO**

Natália Regina Ferreira da Silva
Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE
nataliarferreira@outlook.com

Natanael Duarte de Azevedo
Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE
natanael.azevedo@ufrpe.com

RESUMO. O presente artigo pretende explorar a construção do personagem Antônio da Silva Marramaque na obra *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, de maneira a encontrar referências griôs numa figura ficcional que se volta às características ancestrais afro-brasileiras do próprio autor. Numa literatura que mescla as dissonâncias sociais e raciais presentes no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o século XX - pós abolição da escravatura, ambos, autor e personagem, se reconhecem como memórias vivas da diáspora Brasil-África e se mantiveram ávidos aos costumes pertencentes à função griótica de seus antepassados, legitimando o legado griô, aos moldes brasileiros, numa confluência que figura entre a necessidade de resguardar costumes culturais dentro de um Brasil que não é mais a África Ocidental, portanto, com a presença de outros povos e hábitos pertencentes a este país que recebera escravizados de todos os cantos do “continente negro”. A abordagem através da análise das passagens contidas no romance e as referências a estudos griôs dá-se pela necessidade de uma construção sólida a respeito de um personagem “esquecido” pela literatura, mas que mostra-se como potência a partir de uma análise criteriosa que converge à ancestralidade afro-brasileira, sendo os griôs personalidades que tem seu entendimento modificado a partir de diferentes prismas, sobretudo, de países onde a presença negra foi submetida à escravização e seus povos privados de exercer livremente suas culturas.

Palavras-chave: Marramaque, Griô, Lima Barreto, Clara dos Anjos.

1. Introdução

Lima Barreto (1881 – 1922) trouxe em suas obras diversos traços socioculturais e autobiográficos, não sendo diferente no livro *Clara dos Anjos* (1922). Alguns estudiosos da Literatura Brasileira destacam singularidades entre os personagens Antônio da Silva Marramaque e o próprio Lima Barreto, sendo este, talvez, mais um *alter ego* do escritor.

Neste sentido, sabidamente, Lima Barreto afirmava-se como um homem afro-brasileiro, logo, sua ancestralidade não ficou de fora na formação de seus personagens, em especial Marramaque, que carregava consigo características pontuais de um sábio que preserva a história e cultura do seu lugar e compreendida neste estudo como griô.

Antônio da Silva Marramaque, padrinho de Clara dos Anjos, era um idoso, conhecedor de política, literatura, poeta e que circulara entre a elite e o subúrbio, tendo assim, conhecimentos para discutir e aconselhar a sua comunidade no Engenho do Meio, bairro periférico do Rio de Janeiro, onde residia; local este onde boa parte da trama desenvolve-se.

No que diz respeito à figura central deste trabalho – o personagem Marramaque, não há publicações que enfoquem exclusivamente nele e, por conseguinte, em sua personalidade, mesmo este sendo tão importante para a construção do enredo. Logo, esta pesquisa tem um caráter pioneiro no que diz respeito a reavivar as memórias de um figurante que consideramos “esquecido” pela academia.

Discutir profundamente a construção deste personagem é, entre outras coisas, explorar as nuances e potencialidades existentes na diáspora negra sob a perspectiva de um possível guardião da memória cultural, portanto, este estudo tem por objetivo explorar características consideradas griôs no personagem Antônio da Silva Marramaque na obra *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, de forma a discutir as subjetividades dispostas nas passagens do livro como forma de legado (consciente ou inconsciente) do autor que, assumidamente se reconhece como homem mestiço dentro de um Brasil que trata com distinção seus habitantes a partir de sua cor.

1.1. Os *griots* de lá e os *griôs* de cá

A relação existente entre o Brasil e os diversos povos trazidos do continente africano revela diferentes prismas para analisar a confluência cultural presente nesta diáspora, havendo, portanto, semelhanças e dissonâncias nas práticas e entendimentos de diversos segmentos, neste sentido, a compreensão do que é *griô* a partir, inclusive, da sua escrita é distinta no “continente negro” e na América.

Originalmente a palavra *Griot*, segundo Pacheco (2006, p. 45) “é francesa, *griot* no masculino e *griote* no feminino. *Griô* é um jeito brasileiro” e que para além da grafia, possui algumas peculiaridades no seu entendimento, pois deve ser levado em consideração a influência de outros mecanismos culturais presentes nos distintos locais onde a presença africana foi silenciada pela violência, mas que permanece viva através destas figuras, como reforça Thomas Hale (2007, p. 1), é o “elo entre seus ancestrais americanos e a herança africana recentemente apagada pela escravidão”. O autor ainda aponta que “as palavras ‘*grio*’ e ‘*griotte*’ podem ter vindo do Império de Gana onde a palavra ‘*guiriot*’ funcionaria como denominação de pessoas com muitas habilidades verbais e musicais” (HALE, 2007, p. 360). Por sua vez, para Santos (2015, p. 163) acrescenta que “esta palavra parece ter diversas origens, alguns dizem que vem do termo ‘*guirilô*’, do francês, outros dizem que vem do termo ‘*criado*’, do português”. Independente da etimologia da palavra, o *griô* se faz presente na cultura africana e, por conseguinte, chegou ao Brasil e mantém-se como guardião das memórias e costumes.

Dito isto, mesmo havendo ampla divergência sobre uma única definição sobre o que é um *griô* ou aos modos afro-brasileiros, algumas características permanecem inalteradas, sobretudo, quando bebemos na fonte primária, o continente africano,

Ainda que relativamente desconhecido no ocidente, o *griot*, o guardião da memória oral do seu povo, é uma figura central na organização de certas sociedades do ocidente africano. Documentados desde o século XIV, no antigo Império de Mali o *griot* atuava como porta-voz do *mansa* (imperador), era o historiador que preservava e transmitia as genealogias e gestas dos nobres e heróis, ensinava as crianças e animava as festas com suas atuações poéticas e musicais. Atualmente, os *griots* seguem mantendo viva essa conexão com a sua história, ampliando seu registro de atuação: reconhecidos como músicos e poetas, atuando no teatro e no cinema, exercendo funções políticas de mediação entre elites ou contribuindo com historiadores para seguir narrando a história. (SALOM, 2019, p.18)

As características destacadas por Salom são endossadas por Pacheco (2014, n.p.) ao se referir-se às características desta personalidade que figura na cultura afro-brasileira, “[Os mestres *griô*] Eles são a biblioteca da tradição oral. São genealogistas,

historiadores, contadores de história, poetas populares que guardam a memória vida de sua história”, reforçando assim convergências entre as descrições do personagem Marramaque dentro da trama *Clara dos Anjos*, sendo ele, ao que demonstra, um grande zelador da memória, moral e entretenimento em sua comunidade.

Assim como afirma Pessoa (2016, p. 4) “por meio dos griôs é possível abrir uma janela para o conhecimento sobre as Áfricas”, portanto, é por meio dos griôs brasileiros, tal qual o personagem ficcional, Antônio da Silva Marramaque, que podemos desvendar as potencialidades e características da ancestralidade griô como forma de valorização da cultura afro-brasileira.

1.2. Consonâncias entre autor e personagem

Ao traçar paralelos entre características griôs e passagens descritivas a acerca do personagem Marramaque poderemos confirmar esta particularidade que remete à diáspora negra e à ancestralidade de uma personalidade griótica aos moldes afro-brasileiros do figurante.

Todas as semelhanças e dissonâncias encontradas entre os trechos do livro e estudos a cerca da ancestralidade griô foram relevantes para compreender de forma global a potencialidade ancestral que tal personagem carrega na trama.

Outro ponto fundamental para caracteriza-lo como griô é ater-se ao entendimento e discurso da época em que o enredo se passa, bem como, ao período em que a obra foi escrita, precisamente entre dezembro de 1921 e janeiro de 1922, que embora respirasse os ares da República (também conhecida como República Velha ou República das Oligarquias), mantinha-se velhos hábitos da Monarquia, tal qual, o subjugador do intelectual brasileiro, oriundo das classes menos abastadas e que carregava consigo os pesares da recém abolição da escravatura.

Lima Barreto viera da pequena classe média suburbana reagia em termos de conservadorismo sentimental. Poderíamos filiar a sua xenofobia a um natural instinto de defesa étnico. E quanto à ojeriza pelos homens e pela República Velha, explica-se ainda mais naturalmente pela sua aversão às oligarquias que tomaram o poder em 1889. (BOSSI, 2017, p. 339)

O próprio Lima Barreto expressou claramente sua insatisfação com os caminhos da política atual do país e suas discrepâncias com a realidade dos fatos, “uma rematada tolice que foi a tal república. No fundo, o que se deu em 15 de novembro foi a queda do partido liberal e a subida do conservador, sobretudo da parte mais retrógrada dele, os

escravocratas de quatro costados” (BARRETO, 1956, p. 100). Nesta fala do autor percebemos o quanto as questões raciais e políticas estavam intimamente ligadas e influenciavam sua vida cotidiana e, por conseguinte, desaguavam em suas obras.

Os fantasmas da escravização ainda perturbavam o mestiço ao deparar-se com os pesares distintos nos tratos da sociedade, “a capacidade mental dos negros é discutida a priori e a dos brancos, a posteriori” (BARRETO, 2001, p. 1233), por isso, a sua necessidade de colocar em destaque personagens que evidenciavam a pluralidade étnico-racial do país, descrevendo um Rio de Janeiro cheio de disparidades sociais, que estava atrelada à questões raciais que eram resquícios históricos de mais de trezentos anos de escravidão; “o que resta ao colonizado fazer? Não podemos abandonar a condição de acordo e comunhão com o colonizador, tentará libertar-se por meio da revolta” (MEMMI, 2007, p. 168), e a revolta de Lima Barreto se seu a partir da sua escrita autobiográfica e ao mesmo tempo cronista contida nos seus romances, como afirma Alfredo Bossi,

Pois nos romances de Lima Barreto há, sem dúvida, muito de crônica: ambientes, cenas quotidianas, tipos de café, de jornal, da vida burocrática, às vezes só mencionadas ou mal esboçadas, naquela linguagem fluente e desambiciosa que se sói atribuir ao gênero. O tributo que o romancista pagou ao jornalista (aliás, ao bom jornalista) foi considerável: mas a prosa da ficção em língua portuguesa, em maré do academicismo, só veio a lucrar com essa descida de tom, que permitiu à realidade entrar sem máscara no texto literário. (BOSSI, 2027, p. 340)

É com esta visão de mundo, de luta pelas vozes silenciadas que Lima Barreto levanta a bandeira da valorização da cultura e legado negro no país. Trazendo na figura de Antônio da Silva Marramaque as nuances de desigualdades e preconceitos existentes no Brasil do final do século XIX e início do século XX, que iam além do tom da pele, mas percorria todo um caminho da depreciação do legado afro-brasileiro existentes na sabedoria popular, erudição, costumes e habilidades deste povo.

2. Metodologia

Com uma abordagem qualitativa, a pesquisa analisou criteriosamente as características do personagem Antônio da Silva Marramaque em suas passagens no romance *Clara dos Anjos*, encontrando assim, semelhanças e incongruências de características consideradas griôs.

Tal análise levou em consideração aspectos sócio-histórico-culturais encontrados na obra de Lima Barreto, que conhecidamente é destacado como um cronista de seu

tempo. Sendo assim, a referida análise de caráter qualitativo aprofundou a discussão sobre a construção (não aleatória) deste personagem. Logo, “a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques”, conforme sustenta Godoy (1995, p. 21), neste sentido, propomos examinar e desnudar este personagem pouco explorado pelos estudiosos da literatura, portanto, a pesquisa visou ir além dos muros da aparente figuração de Marramaque e esmiuçar as potencialidades e características afro-brasileiras encontradas nele em paralelo aos estudos grióticos contidos na literatura acadêmica.

Para análise exploratória e imersão deste personagem foi utilizada a versão física da obra *Clara dos Anjos* editado pela Editora Lafonte (2019), onde vale ressaltar que o texto contido nesta edição corresponde à versão original concluída no ano de 1922.

3. Ambientação da obra e discussão dos resultados

Ambientada na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, a obra intitulada *Clara dos Anjos* foi o último romance escrito por Lima Barreto, iniciado em 1921 e concluído em 1922, ano de morte do autor. Nesta obra vemos o caráter de denúncia e crítica social de um Brasil suburbano e que ao mesmo tempo expurgava o intelectual negro, assim como ele.

Lima Barreto enuncia *vozes negras* as quais rompem as barreiras do formalismo literário, muito contundente na época, ao passo em que contesta a escrita histórica brasileira, a qual invisibilizou fatos relevantes à trajetória dos africanos e de seus descendentes no Brasil. *Vozes* que protestam contra as formas de opressão. (JESUS, 2012, p. 163)

O retrato cronista e autobiográfico do autor é perceptível em alguns de seus personagens, sobretudo, em Antônio da Silva Marramaque, ou simplesmente, Marramaque. “Lima Barreto valoriza a cuidadosa construção de seus personagens, fazendo com que eles representem de forma crítica determinadas situações sociais da realidade” (VERANI, 2003, p. 44), contudo, vale salientar que esta obra não é de toda “um espelhamento da realidade, pois é autônoma em sua forma de representação. No caso de Lima Barreto, as marcas da realidade fazem parte de seu projeto literário e nos ajudam a pensar aquele momento histórico” (ARAÚJO, 2018, p. 212), logo, compreendemos hoje como um romance histórico.

Na visão do historiador Sérgio Buarque de Holanda (1956) que escreveu o prefácio de *Clara dos Anjos*, o pesquisador destaca “ser muito difícil escrever sobre os livros de Lima Barreto sem incidir no biografismo, ou seja, sem relacionar a trajetória de vida do escritor ao conjunto de sua obra”, o autor ainda acrescenta que, “fica difícil para o leitor não associar fatos, personagens, ambientes e temáticas às experiências pessoais do autor” (HOLANDA, 1956). Na obra *Clara dos Anjos* estes traços são evidenciados, sendo complexo desassociar características de determinados personagens, como o próprio Marramaque e a historicidade do Lima Barreto, sendo assim, este um defeito da obra para Holanda.

Para Lima Barreto, a construção dos personagens deveria ser ávida e realista, portanto, nada mais concreto do que evidenciar suas trajetórias e o cotidiano latente, um autor “fabricaria fantoches e não almas, personagens vivos”. (BARRETO, 1956, p. 17) e estes personagens trazem consigo a cultura local onde este mesmo autor/narrador está inserido. Para Benjamin (1993, p. 201) “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos ouvintes” – Lima Barreto fez isto com maestria.

Ao trazer a realidade suburbana para o centro de seu romance, o autor destacou o protagonismo de personagens e suas posições frente à sociedade onde “a imagem do mestiço como objeto daqueles que detêm uma posição superior na sociedade. O negro e o mulato compõem um grupo à parte, marginalizado e excluído” (ARAÚJO, 2018, p. 214), contudo, ousou não esconder seus traços e cultura afro-brasileira, trazendo suas raízes e ancestralidades na trama. Assim surge o personagem Marramaque, ancião, de sabedoria vasta, ao mesmo tempo adquirida ao longo da vida, sem a necessidade de conhecimentos acadêmicos, “Marramaque, cujo âmbito de vida sempre fora mais amplo e mais variado. Abraçava um maior horizonte de existência humana...” (BARETTO, 2019, p. 39). Algumas destas características encontram convergência com a biografia do autor na mesma medida que destaca a personalidade griô do figurante.

Dentro da obra é explícito que, mesmo gostando do universo literário, sendo “íntimo das letras”, Marramaque não frequentou a escola por longos anos ou chegou a escolas técnicas e à universidade, ele pertencia às classes menos favorecidas da sociedade, logo, teve pouco acesso à escolarização regular por longo período, destinada apenas às famílias mais abastadas. Aqui retomo a passagem que abre o capítulo III, onde o narrador faz questão de enfatizar a escolarização do personagem, “Marramaque, apesar de sua instrução defeituosa, senão rudimentar, tinha vivido em roda de pessoas

de instrução desenvolvida e educação, e convívio em todas as camadas. Era de uma cidadezinha do Estado do Rio, nas proximidades da Corte.” (BARRETO, 2019, p. 33). Essa particularidade descrita pelo autor, um retrato social da época, demonstra a origem humilde do personagem e ao mesmo tempo a potencialidade existente do mesmo, “aprendera muita coisa de ouvido e, de ouvido, falava de muitas delas” (BARRETO, 2019, p. 14), neste sentido, “a oralidade, característica da função griótica” (DUARTE, 2009, p. 7) se faz presente no personagem e reforça o caráter de grande “guardião” da prática oral enquanto instrumento de disseminação de conhecimento, cultura e política em sua comunidade.

Em alguns episódios do livro *Marramaque* declama poemas, alguns em homenagem a outros poetas amigos, como na passagem onde ele recita um verso do falecido amigo Aquiles Varejão:

Que lindeza! Aquilo era um poeta que não forçava, nem tinha compasso e régua. Ouça só!

E, com uma voz difícil, devido à semiparalisia da parte esquerda da boca, esbugalhando os olhos, devido ao esforço para pronunciar bem as palavras, recitava [...]

O Marramaque, quase sempre, acabava de recitar os versos do amigo com os olhos úmidos; e o ouvinte, não só peia dor demonstrada pelo declamador, mas também pelo tom elegíaco do soneto, comovia-se também e, antes de qualquer pergunta, comentava:

— É bonito! É mesmo lindo. (BARRETO, 2019, p. 37)

No trecho acima o personagem fica comovido com o poema e deixa transbordar sua sensibilidade para com as letras. Por sua vez, as palavras também serviam como ferramenta de disputa e ataque, como em dado momento com o antagonista da obra, Cassi Jones,

Assim é que ia fazer; deu o título da poesia — "Persistência" — e começou naturalmente, como quem já soubera recitar com relativa perfeição, quando estava são. Recitando, olhava sempre para Cassi, que, calado, numa reserva de moço bem-comportado, ficara de pé, encostado ao vão da janela de frente. Marramaque atacou os versos, saltitando na sala. (BARRETO, 2019, p. 50)

Aqui, Marramaque atento aos malfeitos do jovem Cassi Jones, batalha com as palavras para tentar garantir alguma seguridade para Clara dos Anjos, diante do que já conhecera a respeito do homem que agora adentrou a casa na esquecida periferia, como afirma Hale (2007, p. 114), “a força dos griôs está exatamente na combinação disso: arte poética e uma velada “eletricidade”, que reside talvez no seu polissêmico e multifuncional discurso”, neste sentido, Marramaque reconhece as diferenças existentes no abismo social existente entre pretos e brancos, centro e subúrbio, mas enfrenta com as palavras,

O eu poético, griote, que faz da memória um alicerce para o constructo de sua identidade, traz para o “combate” “toda força” que lhe dá a arma das “palavras” incisivas, feito “a lança” para fazer valer seu compromisso emancipatório de em seu canto/conto dar visibilidade ao “desejo pleno de ser” afro-brasileiro. (ABREU, 2012, p. 173)

Contudo, o personagem reconhece as disparidades e “fica com a garganta seca diante do jovem branco que brinca e canta na corda bamba da existência” (FANON, 2008, p. 183), mas se mantém firme no seu papel de protetor.

Cassi, que, logo, antipatizara com Marramaque, percebeu que a coisa era com ele. Perceberia outro mais burro do que o gabado artista da modinha, tanto era a teimosia com que o velho aleijado o olhava. Cassi pensou, de si para si: “Este pobre-diabo me paga”.

O que espantava, na ação de Marramaque, era a sua coragem. Ele, semi-aleijado, velho, pobre, lançava um solene desafio àquele valdevinos forte, são, habituado a rolos e rixas. (BARRETO, 2019, p. 50)

A oralidade é um dos grandes atributos de uma personalidade griô, poeticamente Lima et al. (2009, p.5) nos diz que “sabemos que, quando a África acordou o mundo com o som dos seus tambores silenciosos, os *Griots* surgiram como poesia”, neste sentido, aqui encontramos uma das características análogas entre Marramaque e um griô – a oralidade aliada à linguagem da poética literária. Esta, por sua vez, não estava apenas à serviço da “arte da palavra”, mas também era canal para as denúncias vivenciadas no cotidiano árido e escravocrata da época. Para Lévy (1993, p. 77), “na oralidade primária, a palavra tem como função básica a gestão da memória social, e não apenas a livre expressão das pessoas ou a comunicação prática cotidiana”, tal característica requeria a disposição de observar atentamente quem o precedia, como bem complementa o autor “griots aprendiam seu ofício escutando os mais velhos” (LÉVY, 1993, p. 77). E assim Marramaque obteve seu conhecimento e o repassou “Aprendera muita coisa de ouvido e, de ouvido, falava de muitas delas BARRETO, 2019, p. 14).

“*Griots*”. É como são chamados na África, os contadores de histórias. Eles são considerados sábios muito importantes e respeitados na comunidade onde vivem. Através de suas narrativas, eles passam de geração a geração as tradições de seus povos. Nas aldeias africanas era de costume sentar-se à sombra das árvores ou em volta de uma fogueira para ali passar horas e horas a fio ouvindo histórias do fantástico mundo africano transmitidas por “estes velhos griôts”. (SALES & SILVA, 2012, p. 63)

Tal qual propagava a tradição de narra/contar histórias a partir das experiências que o formaram ao longo dos anos, Marramaque manteve-se como memória viva e transmitia as histórias que escutava, ainda quando jovem, e na sua velhice era requisitado a narrá-las novamente.

— Quero ver, Marramaque, como é que você explica ter Colombo posto o ovo em pé?

— Muito simplesmente, Meneses. Vou contar a história como a li: "Num banquete, procuravam os nobres de Espanha rebaixar o mérito da descoberta de Colombo, e dizia um: 'As Índias já lá estavam e, se o senhor não as descobrisse, qualquer um outro as descobriria'. Colombo, sem responder, pediu um ovo; trouxeram-lhe e ele desafiou a que alguém o pusesse de pé, 'Impossível!'

— bradaram. Então, o navegador tomou o ovo, bateu com ele, quebrando ligeiramente a mais rombuda das extremidades, e fê-lo ficar de pé. 'Ora, isto também eu faria!...'

— replicaram. 'Sim, depois que me viram fazer. É simples, mas é preciso pensar no caso, e achar o meio". Está aí como foi a coisa. Não tem nada de gravidade, nem de rotação, nem de translação, nem de constelação, nem de repulsão — nada tem em "ão", Meneses! (BARRETO, 2019, p. 115)

Marramaque, por sua vez, era um homem mestiço. Diferente de outros personagens na trama, onde a cor de sua pele é pautada como característica nas primeiras descrições do autor, Lima, desta vez, optou por não “classificar” Marramaque, porém, dá indícios da origem de seus genitores. Seu pai foi tratado apenas como um “estrangeiro” na obra, “no gênio, não saía ao pai, que era um minhoto ativo, trabalhador, reservado e econômico. Em poucos anos de Brasil, conseguiu juntar dinheiro, comprar um sítio em que cultivava os chamados "gêneros de pequena lavoura" (BARRETO, 2019, p. 33), por sua vez, a mãe de Marramaque era uma mestiça branca com ascendência indígena “como sua mãe, que, embora quase branca, tinha ainda evidentes traços de índio” (BARRETO, 2019, p. 34). Logo, um homem mestiço, brasileiro, incorporava as diversas influências da pluralidade étnico-raciais presentes no país, não estando alheio às injustiças que assolavam seu povo - para isso, usava a palavra como ferramenta de posicionamento, neste sentido, Marramaque opta por “assumir a condição negra e enunciar o discurso em primeira pessoa [...], de uma linguagem marcada, [...] pelo empenho em resgatar uma memória negra esquecida” (BERND, 1988, p. 22), por vezes, desvalorizada.

Havia, quando rapazola, muitas névoas na sua alma, um diluído desejo de vazar suas mágoas e os sonhos, no papel, em verso ou fosse como fosse; e um forte sentimento de justiça. O espectro da escravidão, com todo o seu cortejo de infâmias, causava-lhe secretas revoltas. (BARRETO, 2019, p. 34)

O intuito de disseminar o conhecimento por meio da palavra, oral ou escrita, constrói a necessidade de romper com os paradigmas que aniquilam a cultura dos povos negros e indígenas brasileiros e os liberta da opressão branca europeia que massifica e reprime as culturas de seus colonizados. Assim sendo, este posicionamento incute um discurso que “[...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de

dominação, mas é [...] pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que buscamos assenhorear-nos” (FOUCAULT, 1971, p. 2) e é através da palavra que carrega aceitação, valorização e história que um griô se faz. Neste ponto, ficção e realidade se fundem num retrato autobiográfico de Lima Barreto, como afirma Barbosa (2017, p. 205) “na literatura – na sua literatura militante – encontraria, pois, Lima Barreto certa maneira de tirar desforra, de vingar-se, em suma. Para isso, sem que se desse conta, ia armazenando o seu “stock de observações e de emoções”, o verbo é artilharia e refúgio para sobrevivência de ambos, personagem e escritor.

As palavras do *griot* são, de fato, imbuídas de um valor e uma força que vão além do simples caráter estético de uma arte de falar. É pelo seu saber e pelo seu estatuto social, ainda mais do que pelo seu talento, que o *griot* detém um certo poder sobre os indivíduos e, conseqüentemente, sobre o funcionamento da sociedade. (SEYDOUP, 2001, p. 3)

Atento ao que acontece socialmente, um griô se posiciona politicamente, em busca de valorizar a cultura e costumes dos seus, “o *griot*, portanto, em uma visão mais contemporânea, pode ser interpretado como um representante social, cultural e político de identidades africanas”. (CRUZ, 2019, p. 6), aqui estendemos este conceito aos moldes de um griô afro-brasileiro, estando Marramaque, por conseguinte, ciente do que acontece nas diversas esferas do poder e atuante em sua militância.

Enquanto esperavam o café, os três suspendiam o jogo e conversavam um pouco. Marramaque era e sempre havia sido mais ou menos político, a seu modo.

Embora atualmente fosse um simples contínuo de ministério, em que não fazia o serviço respectivo, nem outro qualquer, devido a seu estado de invalidez, de semi-aleijado e semiparalítico do lado esquerdo, tinha, entretanto, pertencido a uma modesta roda de boêmios literatos e poetas, na qual, a par da poesia e de coisas de literatura, se discutia muita política, hábito que lhe ficou. (BARRETO, 2019, p. 14)

Mesmo apresentando um quadro físico debilitado, “envelhecendo e ficando semi-inutilizado, depois de dois ataques de apoplexia” (BARRETO, 2019, p. 14), Marramaque encarava as dificuldades e fazia-se presente nas lutas pela democracia através de seu voto nas eleições, conforme explicita o autor na passagem:

Marramaque, apesar de tudo, do seu estado de saúde, da sua dificuldade de locomover-se, não deixava a mania inócua da política e ia votar, com risco de se ver envolvido num barulho de sufrágio universal, puxado a navalha, rabo-de-arraia, cabeçadas, tiros de revólver e outras eloqüentes manifestações eleitorais, das quais, em razão do seu precário estado de pernas, não poderia fugir com segurança e a necessária rapidez. (BARRETO, 2019, p. 14)

Os rumos da política preocupavam o personagem que gostaria de ver mais justiça, sobretudo, para com os menos favorecidos, ou seja, negros, mestiços, crianças, mulheres e todos aqueles que, porventura, compunham o subúrbio ao qual pertencia,

afinal, “os griôs teriam uma imagem social e política” (PACHECO, 2006, p. 45). Tal desejo de inconformidade no cenário político e, por conseguinte, com as disparidades de tratamento entre ricos e pobres apenas crescia quando abria os jornais e se parava com o que era noticiado.

Demais, devido à sua convivência com literatos, poetas e escritores, adquirira o hábito tirânico de ler diariamente todos os jornais que apanhava na repartição, e não fazia lá outra coisa, devido a seu estado de saúde.

De quando em quando, ele encontrava notícias mais que escabrosas, às vezes sangrentas mesmo, em que estava envolvido o nome do famigerado violeiro. De umas delas, ele se lembrava perfeitamente, porque lhe havia causado, na sua alma retardada de idealista e sonhador, de poeta que quis ser amoroso e cavalheiresco, a maior revolta e um movimento de nojo irreprimível. Joaquim dos Anjos não estava a par dela, pois não tinha hábito de ler jornais e pouco tagarelava com as pessoas de suas bandas suburbanas. Marramaque apoiou-se em contador e por alto. (BARRETO, 2019, p. 38)

Nesta passagem observamos dois pontos relevantes na personalidade de Antônio da Silva Marramaque, a primeira diz respeito ao seu comportamento de “detentor do conhecimento”, como alguém que se mantém atento ao que acontece dentro e fora de sua comunidade, podendo assim, orientar os seus, já a segunda tem relação com o ser “guardião-protetor” daqueles que compõem sua comunidade, instruindo-os, inclusive, nas atribuições que permeiam o seu familiar a partir do que vira ou vivenciara, “na prática do *Griot*, em que a tradição é hereditarizada dentro da hierarquia familiar, dando aos mais novos o acesso ao conhecimento dos seus antepassados” (PEREIRA, 2012, p. 254), logo, Marramaque tenta resguardar o preceito moral da honra com relação à sua afilhada, Clara, filha de seu compadre, Joaquim dos Anjos.

Em outro trecho do livro, Marramaque, como guardião dos costumes da época, onde moça jovem solteira deveria casar-se virgem e sem máculas, se espanta ao tomar conhecimento do convite do malfeitor, Cassi Jones, para a festa de Clara dos Anjos:

— A bênção, meu padrinho; bom dia, seu Lafões.

Eles respondiam e punham-se a pilheriar com Clara. Dizia Marramaque:

— Então, minha afilhada, quando se casa?

— Nem penso nisso — respondia ela, fazendo um trejeito faceiro.

— Qual! — observa Lafões. — A menina já tem algum de olho. Olhe, no dia dos seus anos... É verdade, Joaquim: uma coisa.

O carteiro descansou a xícara e perguntou:

— O que é?

— Queria pedir a você autorização para cá trazer, no dia dos anos, aqui da menina, um mestre do violão e da modinha.

Clara não se conteve e perguntou apressada:

— Quem é? Lafões respondeu:

— É o Cassi. A menina...

O guarda das obras públicas não pôde acabar a frase. Marramaque interrompeu-o furioso:

— Você dá-se com semelhante pústula? É um sujeito que não pode entrar em casa de família. Na minha, pelo menos...

— Por quê? — indagou o dono da casa.
— Eu direi, daqui a pouco; eu direi por quê — fez Marramaque transtornado.
(BARRETO, 2019, p. 16)

Para Marramaque, era sua obrigação alertar os pais de Clara a respeito da má fama que Cassi Jones, seu algoz branco, tinha para além dos muros do subúrbio, assim, cumprindo seu papel de orientar e resguardar a moral e bons costumes empregados, neste caso, à figura feminina na época. Para isto, o personagem ultrapassou os limites do “seu território periférico”, tal qual um griô, que transita entre os diversos espaços para levar conhecimento à comunidade ao qual ele faz parte, trazendo nos “arquetipos e histórias de vida, os ritos e símbolos e as ciências dos saberes e fazeres tradicionais” (PACHECO, 2015 p. 33), portanto, primando pelo zelo e memórias dos costumes que estimam por condutas morais numa sociedade que tem papéis representativos distintos para com homens e mulheres, sobretudo para os negros, índios e mestiços.

Marramaque não conseguiu resguardar Clara ou salvar a si. Morreu nas mãos do seu algoz branco, Cassi Jones, e levou consigo sabedorias e ancestralidade admirada por todos à sua volta,

E, assim, morreu o pobre e corajoso Antônio da Silva Marramaque, que, aos dezoito anos, no fundo de um "armazém" da roça, sonhara as glórias de Casimiro de Abreu e acabara contínuo de secretaria, e assassinado, devido à grandeza do seu caráter e à sua coragem moral. Não fez versos ou os fez maus; mas, ao seu jeito, foi um herói e um poeta... Que Deus o recompense!
BARRETO, 2019, p. 111)

Esta dor compartilhada entre autor e personagem dialoga com o sentimento expresso por Haley (1976, p. 6),

Dizem, com toda razão, que quando um *griot* morre, é como se toda uma biblioteca tivesse sido arrasada pelo fogo. Os *griots* simbolizam como toda a genealogia humana remonta a algum lugar e algum tempo em que não havia escrita, quando somente as memórias e as bocas dos anciãos transmitiam para a posteridade as primeiras histórias da humanidade... para que, hoje, todos nós saibamos quem somos. (HALEY, 1976, p. 6)

A angústia da perda de Antônio da Silva Marramaque mostra a grandeza de seu papel dentro da sua comunidade, ressaltando, portanto, o papel de destaque por seu caráter e préstimos, tal qual um griô, visto como uma espécie de menestrel que conduz a sua tribo, “em sintonia com as novas realidades, reinventadas e forjadas a partir do encontro das diversas culturas de matriz africana” (CRUZ, 2019, p. 7), ele representou seu subúrbio e suas ancestralidades plurais de um típico brasileiro, transitando entre as diversas camadas da sociedade ao mesmo tempo em que carregava consigo os designos de um país que tratava com distinção homens e mulheres a partir da sua cor, etnia e

posições sociais que alcançavam, sendo, portanto, um retrato da diáspora negra no Brasil.

Considerações Finais

Ao jogar luz sobre um personagem pouco explorado por autores e teóricos da Literatura brasileira é, entre outras coisas, descobrir as potencialidades de discussões sobre temas ocultos ou subjetivos dentro de uma trama. Ao fazer isto com o personagem Antônio da Silva Marramaque, da obra *Clara dos Anjos*, estamos não apenas revisitando a memória do autor Lima Barreto, mas também compreendemos as nuances que o fizeram construir o personagem de tal modo.

Quando o autor opta por trazer traços socioculturais da diáspora negra, de forma tão sutil e subjetiva aos olhos de boa parte dos leitores, ele não quer, necessariamente, que estas características sejam compreendidas como irrelevantes, mas que sejam analisadas como parte integral e inerente de uma determinada comunidade, neste caso, mestiça e moradora do subúrbio carioca no início do século XX, onde, mesmo após a abolição da escravatura e o ar de recém República, tudo que remetesse à cultura afro-brasileira era inferiorizada, tal qual a arte da palavra do próprio autor, como ele mesmo afirma,

A nossa mania de fachadas leva-nos a prorromper em berreiros pelas colunas dos jornais, reclamando dos poderes públicos providências para que sejamos conhecidos na Europa, Ásia, etc, a fim de evitar que os estrangeiros não mais nos caluniem, dizendo que aqui há negros e mulatos; entretanto, não nos lembramos que não nos conhecemos uns aos outros, dentro do nosso próprio país, e tudo aquilo que fica pouco adiante dos subúrbios das nossas cidades, na vaga denominação de Brasil, terra de duvidosa existência, como a sua homenagem da fantástica geográfica pré-colombiana (BARRETO, Lima, Carta aberta a Assis Viana, 1918, *apud*, ARGAN, 1998, p. 270).

Tal argumento é endossado pela pesquisadora Lilian Schwarcz (2017, p. 12), que afirma, “na sua literatura, autodenominada “militante” e “biográfica”, Lima acabou se tornando seus próprios personagens. Era cada um deles, todos juntos, e nenhum também. Mas era sempre criador e criatura”. Logo, ao apresentar Marramaque o escritor também traz sua própria história de lutas e negritude, suas origens, o que vivenciava diariamente, descrito em forma de crônica do cotidiano brasileiro. Esta percepção é endossada por Cabral (2015, p. 9) que afirma que “em *Clara dos Anjos*, ocorre a recuperação de variados discursos minoritários excluídos, os quais exsurtem a partir da

vivência autobiográfica de Lima Barreto”, portanto ficção e realidade se fundem e escancaram um Brasil plural e ao mesmo tempo desigual no trato com seus habitantes.

Na obra *Clara dos Anjos*, percebemos as relações explícitas de gênero, raça e classes sociais entre os personagens, porém, Marramaque transitou entre as disparidades destes abismos socioculturais encontrados no Rio de Janeiro, mesmo apresentando poucos conhecimentos oriundos da educação formal - atributo pouco experienciado pela maioria das pessoas mestiças e, por conseguinte, dos personagens semelhantes a ele na trama, portanto, o tornou diferenciado perante a comunidade onde residia, bem como, distinto entre os demais figurantes do livro.

Assim sendo, estabelecemos relações entre as características de uma personalidade griô e o personagem Marramaque a partir da análise teórica e de passagens da obra onde tais congruências são perceptíveis, no qual a palavra era ferramenta de discurso, posicionamento e ponte entre passado e presente para construir uma sociedade mais justa, como afirma Fanon (2008, p. 17), “não é apenas falar contra, mas, sobretudo, assumir uma cultura e suportar o peso de uma civilização”, um Brasil de senhoril branco que levou a morte do personagem que resguardou, até o fim, os costumes do seu recanto.

A pesquisa encontrou características da perpetuação da cultura griô o explorar o perfil deste grande “Preto Velho” chamado Marramaque, como forma de enaltecer o legado afro-brasileiro amplamente exposto e denunciado por Lima Barreto.

Ao discutir profundamente a construção deste personagem exploramos as nuances e potencialidades existentes na diáspora negra sob a perspectiva de um ancestral griô, logo, percorremos características da sua construção sociocultural, e porque não dizer, histórica, a partir de uma análise que discute os matizes de sua personalidade pautada na História Cultural, como prega Roger Chartier (2002, p. 16-17) “a história cultural, tal como entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada, dada a ler”. Neste sentido, ao esmiuçar as micro e macro particularidades representativas deste personagem, paralelamente ao discurso da época reproduzido pelo autor Lima Barreto, concluímos que Antônio da Silva Marramaque é um griô afro-brasileiro.

Referências

ABREU, E. R. S.S. Conceição Evaristo e Miriam Alves: griotes na denúncia do racismo e preconceito pela poesia. In: LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; ALVEAL, Carmen (Org.) **Griots: culturas africanas: literatura, cultura, violência, preconceito, racismo, mídias**. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2012, p. 164 - 176.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. Tradução de Pier Luigi Cabra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 270.

ARAÚJO, E. M. D. R. Dissonâncias e antagonismos: a representação literária de Lima Barreto no romance Clara dos Anjos. **Revista do Departamento de Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais FCL – UNESP**, Araraquara, v. 23, n.44, p. 211 - 232, 2018.

BARBOSA, F. A. **A vida de Lima Barreto: 1881-1922**. 1. ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2017, p. 205.

BARRETO, Lima. **Impressões de Leitura**. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 17.

BARRETO, Lima. **Coisas do Reino de Jambom**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 100.

BARRETO, LIMA. **Diário íntimo**. *Prosa seleta*. Organização Eliane Vasconcellos. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001, p.1233.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. 1. ed. São Paulo: Lafonte, 2019.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo, Brasiliense, 1993, p. 201.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 22.

BOSSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 52. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

CABRAL, André. **Clara dos Anjos**: a marca de discursos excluídos em Lima Barreto. 2005. 95 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005, p. 9.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p. 16-17.

CRUZ, R. A. Da pele ao digital, do *Griot* ao MC: Emicida, um *griot* da contemporaneidade. **Revista do Núcleo Sankofa**, São paulo, v. 1, n.3, p. 1-18, 2019.

DUARTE, Zuleide *et al.* “Prefácio”. in: **Griots - Culturas Africanas**: Linguagem, Memória. 1. ed. Natal: Lucgraf, 2009, p. 7.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução de Renato da Silveira. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Edmundo Cordeiro e António Bento. Paris: Éditions Gallimard, 1971, p. 2.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 21, 1995.

HALE, T. A. *Griots and Griotes: Masters of words and music*. Bloomington: Indiana University Press, 2007.

HALEY, Alex. **Negras raízes**: a saga de uma família. São Paulo: Record, 1976, p. 6.

HOLANDA, S. B. “Prefácio”. In: BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Brasiliense. 1956.

JESUS, E. S. Lima Barreto: O Poder da Linguagem Fora do Poder Hegemônico. In: LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; ALVEAL, Carmen (Org.) **Griots**: culturas africanas: literatura, cultura, violência, preconceito, racismo, mídias. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2012, p. 150 - 163.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993, p. 77.

LIMA, Tânia *et al.* “Prefácio”. in: **GRIOTS**: culturas africanas: literatura, cultura, violência, preconceito, racismo, Mídias. Natal: EDUFRN, 2009, p. 5.

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado Precedido de Retrato do Colonizador**. Tradução de Marcelo Jaques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 168.

PACHECO, Lillian. **Pedagogia Griô**: a reinvenção da roda vida. 1. ed. Bahia: 2006.

PACHECO, Lillian. Tradição Griô na TEIA da Diversidade. Secretaria Especial de cultura: Ministério da Cultura. Brasília, mai. 2014. Notícias. Disponível em: <<http://cultura.gov.br/tradicao-grio-na-teia-da-diversidade/>> Acesso em: 10 nov. 2020.

PEREIRA, H. F. V. Poligamia: uma prática ancestral sob ótica diferente – um estudo de nikeche: uma história de poligamia. In: LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; ALVEAL, Carmen (Org.) **Griots**: culturas africanas: literatura, cultura, violência, preconceito, racismo, mídias. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2012, p. 243 – 260.

PESSOA, M. N. Percepções culturais sobre os “griots” na contemporaneidade. In: VII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 7, 2016, Feira de Santana: ANPUH BA, 2016, p. 1-11.

SALES, A. M. C.; SILVA, M. R. *Ulomma*: literatura afro-brasileira combatendo o racismo no cotidiano escolar. In: LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; ALVEAL, Carmen (Org.) **Griots**: culturas africanas: literatura, cultura, violência, preconceito, racismo, mídias. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2012, p. 131 – 137.

SALOM, J. S. **Quando chega o griô**: conversas sobre a linguagem e o tempo com mestres afro-brasileiros. 2019. 305 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019, p. 18.

SANTOS, T. E. “Negros pingos nos “is””: djeli na África ocidental, griô como transcrição e oralidade como um possível pilar da cena negra”. **Revista de Estudos Sociais em artes Cênicas - Urdimento**, v. 1, n.24, p. 157-173, 2015.

SCHWARCZ, L. M. **Lima Barreto**: triste visionário. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 12.

SEYDOU, Christiane. **Hale, Thomas A. - *Griots e Griottes***: Mestres da Palavra e da Música. Bloomington-Indianapolis, Indiana University Press, 1998, p. 3.

VERANI, A. C. **O Triste Fim de Lima Barreto**: Literatura, Loucura e Sociedade no Brasil da Belle Époque. 2003. 111 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura). Puc- Rio, Rio de Janeiro, 2003, p. 44.